

Conhecer Lisboa

SOBRE



Foto: Turismo de Portugal

Conhecer Lisboa

Lisboa é uma cidade que dá vontade de ir descobrindo, vendo o que aparece em cada bairro, em cada rua. É uma cidade simpática e segura. Com muita coisa para ver, mas relativamente pequena. É ideal para passar vários dias ou um ponto de partida para passear pelo país. É antiga. É moderna. É, sem dúvida, sempre surpreendente.

Podemos escolher um tópico ou um tema para a explorar. A oferta é vasta: Lisboa romana, manuelina, barroca, romântica, literária, boémia, noturna, a cidade do Fado. E as formas, também as há muito diferentes: a pé, de elétrico, de segway, em autocarro hop-on-hop-off, num tuk tuk, vista do rio num passeio de barco ou na outra margem, depois de atravessar o Tejo num cacilheiro... as sugestões são infindáveis.

No entanto, há locais obrigatórios, que não se podem perder e fazem sempre parte da lista. Como o bairro histórico de **Alfama** e do **Castelo**, com uma das vistas mais fabulosas sobre a cidade e o rio.

Temos de passar pela **Baixa**, em direção a **Belém**, o bairro dos Descobrimentos, com a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, ambos Património Mundial. Mas também com o original Museu dos Coches ou o moderno Centro Cultural de Belém. Ah, e não nos podemos esquecer de provar os deliciosos pastéis de nata!

Guardamos o fim da tarde e a noite para conhecer o **Chiado** e o **Bairro Alto**, polos de animação garantida. Assim como o **Cais do Sodré**, mais próximo do rio.

Mas a parte nova da cidade também não pode ser esquecida. Seja para visitar alguns museus de referência como o Museu Calouste Gulbenkian, na zona norte, ou continuando pelo rio, o Museu Nacional do Azulejo. Fica a caminho do **Parque das Nações**, a zona portuária que foi completamente reconstruída para a Exposição Universal de 1998. É hoje um espaço de lazer importante, com uma nova paisagem urbana.

Aqui destacamos os diferentes bairros da cidade. Com “10 coisas para ver e fazer em Lisboa” e o itinerário “Lisboa num dia”, o plano de visita ficará mais completo.

Para além de todos os locais para visitar, ao longo de todo o ano Lisboa é palco de muitos eventos que animam a cidade e se anunciam na nossa [agenda](#). E em 2017, Lisboa é [Capital Ibero-americana de cultura](#), facto que é celebrado num programa com cerca de 150 atividades que inclui exposições, teatro, concertos, dança, colóquios, roteiros e eventos de gastronomia.

Uma coisa é certa, Lisboa é uma cidade inesquecível!

BAIXA

A partir do Marquês de Pombal, o quilómetro zero de Lisboa, e descendo pela imponente Avenida da Liberdade, onde se encontram as melhores lojas da cidade e hotéis de luxo, chegamos à Baixa.

A Baixa é o coração da cidade, um dos locais mais movimentados. É aquele sítio por onde se passa tantas e tantas vezes. Onde há coisas novas e coisas velhas, onde se encontram as lojas mais tradicionais e os novos designers ou as grandes marcas conhecidas internacionalmente. A geometria das ruas e a sobriedade elegante das fachadas, sem aparente diferenciação para os vários estratos sociais que aqui viviam, contrasta com os bairros mais antigos. É resultado do espírito iluminista e visionário do Marquês de Pombal, que tomou conta da reconstrução da cidade após o grande terramoto de 1755.

Em tempos idos, concentraram-se na Baixa todos os negócios e ofícios, o que se confirma ainda nos nomes das ruas: a ourivesaria nas ruas do Ouro e da Prata, os tecidos na Rua dos Fanqueiros, os trabalhos em couro na Rua dos Correeiros ou a Rua dos Douradores. Cruzam com os nomes de santos protetores: Ruas de Santa Justa, de Nossa Senhora da Assunção, da Vitória, de São Nicolau e de Nossa Senhora da Conceição. E como aqui estava o comércio, foi também um local privilegiado para se instalarem as principais agências bancárias portuguesas.

No topo norte, temos duas praças importantes. Na praça dedicada ao rei D. Pedro IV, mais conhecida como Rossio, vemos a neo manuelina fachada da estação de comboios, que serve a linha de Sintra, e o clássico Teatro Nacional D. Maria I. A meio, fica a pastelaria Suíça, uma das mais antigas da cidade, fazendo esquina com uma pequena rua que comunica com a Praça da Figueira. Já nessa área de comércio, onde se vê a estátua do rei D. João I, a Confeitaria Nacional é outra pastelaria de referência, com bolos a que não se consegue resistir. Estão enquadradas pelas colinas onde se vê o Castelo, de um lado, e o Convento do Carmo, do outro. De dia ou de noite, a fotografia é obrigatória.

Qualquer passeio na Baixa tem de incluir o elevador de Santa Justa. É um belo exemplo da arquitetura do ferro, construída em 1902 por Ponsard, um discípulo do Eiffel. Vale a pena subir.

A Rua Augusta é o eixo principal que conduz ao rio. É uma rua de passeio para fazer compras, com cafés e restaurantes. No final, podemos visitar o MUDE - Museu do Design e da Moda, no antigo edifício de um banco. Na mesma rua, no edifício de outro banco, veem-se os vestígios da antiga cidade romana, no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros.

Passando o Arco Triunfal, encontramos um dos espaços mais bonitos, a Praça do Comércio. Aqui ficava a residência dos reis de Portugal na época dos Descobrimentos e, do lado direito, na Ribeira das Naus, estavam os armazéns portuários e a praia onde eram construídos os navios. É o grande hall de entrada da cidade, onde se podem passar uns bons momentos perto do rio, numa esplanada ou passeando pela zona ribeirinha. No Lisboa Story Centre podemos ver uma boa introdução à história da cidade. Entre os vários restaurantes da moda, mantém-se o histórico Martinho da Arcada, frequentado pelo grande poeta português Fernando Pessoa.

Muito perto, do lado esquerdo, passamos pela Igreja da Conceição Velha. O portal é muito semelhante à entrada principal da Igreja do Mosteiro dos Jerónimos. Foi o mesmo artista, Boytac, que os criou. Mais à frente, a curiosa Casa dos Bicos, do séc. XVI. Inspirada na fachada italiana da Casa dos Diamantes em Ferrara, foi mandada construir pelo filho do vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque. O mestre-de-obras foi o mesmo da Torre de Belém, Francisco de Arruda. Atualmente, é a sede da Fundação José Saramago, Nobel da Literatura. De referir, a oliveira que marca o local onde estão depositadas as suas cinzas, por sua vontade.

ALFAMA

O topo de Lisboa, onde temos a melhor vista, é o Castelo de São Jorge. Foi nesta colina, que desce naturalmente até ao rio, que tudo começou.

Foi pelo Castelo que o primeiro rei de Portugal conquistou Lisboa, em 1147. E é também a partir daqui que conquistamos a cidade à nossa maneira. À volta, espalha-se Alfama e a Mouraria, com o casario branco e as ruas

labirínticas, pátios e becos. Foi no meio destes bairros de natureza marinheira, que nasceu o Fado e, por isso, é um dos melhores locais para o ouvir e apreciar.

De reparar nos pequenos painéis de azulejos por cima das casas. São sinais de devoção popular a santos que ajudavam a proteger o bairro. Estamos num dos pontos principais onde se celebram as Festas dos Santos Populares, com particular animação na véspera do dia 13 de Junho, a data de nascimento de Santo António, mas com acontecimentos durante todo o mês.

Ao descer a encosta do Castelo, passamos pelo Miradouro das Portas do Sol e da Cerca Moura. Sabe bem ficar neste terraço de esplanadas viradas para o rio, a olhar a cidade. Daqui, podemos seguir pelas escadinhas e ruas estreitas até chegar ao Museu do Fado, mais abaixo na colina. Depois é só adivinhar o caminho até à românica Sé Catedral. Em frente, podemos visitar a Igreja de Santo António, no lugar da casa onde a sua família viveu.

Daqui levamos um som característico de Lisboa: o chiar dos carris. Pelo meio de Alfama, passa o Elétrico 28 em direção à Graça, a que vale a pena fazer referência, com uma nota a Santa Apolónia.

A Graça é um dos bairros mais populares, com bons miradouros e esplanadas. Como por exemplo, a que fica perto do Convento da Graça ou o miradouro da Senhora do Monte. Outra vez às portas de Alfama, encontramos o imponente Mosteiro de São Vicente de Fora, dedicado ao padroeiro de Lisboa, assim proclamado em 1173, pelo rei D. Afonso Henriques. É onde está o Panteão dos Braganças, a última dinastia da casa real portuguesa. Nos claustros, somos desafiados a descobrir as fábulas de La Fontaine nos frisos de azulejo...

Seguindo por um dos lados do Mosteiro, chegamos ao Campo de Santa Clara, onde se realiza a Feira da Ladra todas as terças feiras e sábados. A seguir a um antigo mercado de estrutura em ferro e um simpático jardim, vamos ter ao Panteão de Santa Engrácia. É uma monumental igreja em estilo barroco, com planta em cruz grega (com os quatro braços do mesmo tamanho), que demorou mais de 400 anos a ser construída, o que lhe valeu um ditado popular: "mais velho do que as obras de Santa Engrácia". Vale a pena ver o interior, todo em mármore, e subir ao topo do zimbório. É o Panteão Nacional, onde estão sepultadas figuras de grande relevância para a História de Portugal, como por exemplo a fadista Amália Rodrigues ou o primeiro Presidente da República, Manuel de Arriaga.

Continuando a descer, vamos ter a Santa Apolónia. É um lugar conhecido pela estação de comboios internacional. À beira do rio, revitalizaram-se armazéns vazios, transformando-os em restaurantes e uma discoteca, com vista privilegiada. É também um dos principais portos de cruzeiros, que aqui aportam para conhecer a capital.

Voltando à Graça, podemos continuar a visita pé pela Mouraria, o bairro da encosta norte do castelo, ou ir até ao final da linha de elétrico. Nesse caso, iremos ter a um grande largo, o Martim Moniz, já próximo da Baixa, espaço multicultural onde se encontra uma importante comunidade de emigrantes vindos da Índia, da China e de países de África e do Leste da Europa. É uma faceta de Lisboa onde se misturam de forma saudável costumes e saberes de outros povos, mostrando a hospitalidade de uma cidade cosmopolita e uma característica bem portuguesa.

CHIADO

A partir da Baixa, chega-se naturalmente ao Chiado, a pé. É um dos bairros mais sedutores da cidade, centro da vida cultural, como bem o demonstram os seus teatros, os cafés com tradição literária, as livrarias antigas.

Com origem no séc. XVI, o elegante bairro do Chiado teve o auge no séc. XIX e durante o séc. XX, quando era ponto de encontro de intelectuais e artistas, como Fernando Pessoa e Almada Negreiros. Nos dias de hoje, continua a ser frequentado por estudantes de arte e de design. Numa parte do convento de São Francisco, onde está a Faculdade de Belas Artes de Faculdade, está instalado o Museu do Chiado, uma referência na história da arte contemporânea portuguesa.

O teatro também é uma grande tradição no bairro. Os programas do Teatro Nacional de São Carlos, do Teatro São Luiz e do Teatro da Trindade são pontos importantes da vida cultural lisboeta.

Entre os edifícios pombalinos, recuperados por arquitetos contemporâneos como Siza Vieira, encontramos agora restaurantes de renome, lojas e outras preciosidades, como as igrejas barrocas dos Mártires, do Loreto e da Encarnação. Ou o Largo do Carmo, onde o fascinante Convento em ruínas, hoje Museu Arqueológico, continua a ser a

memória do terramoto que destruiu Lisboa, em 1755. Nas antigas dependências do convento, instalou-se o quartel onde ocorreram alguns episódios da histórica Revolução dos Cravos, em abril de 1974, contra a ditadura de Salazar.

Há inúmeras lojas de roupa, artigos de casa, livrarias, floristas, tudo o que é preciso para uma boa tarde de compras... e para descansar, nada como um gelado ou um bom café. Na famosa Brasileira, até podemos ter a companhia do Fernando Pessoa.

Mas o Chiado leva-nos também a um dos miradouros da cidade, Santa Catarina, de onde podemos apreciar o porto de Lisboa, o Cristo Rei e a Ponte 25 de Abril. A caminho, passamos pelo centenário Elevador da Bica, numa rua íngreme onde os passeios são escadinhas estreitas.

Continuamos subindo ao Bairro Alto. De dia encontramos um bairro popular com lojas trendy, vintage e alternativas. Costureiros independentes e novos designers abrem aqui as suas lojas, ao lado de estilistas de projeção internacional. Estúdios de artistas e galerias de arte completam esta paisagem urbana que à noite se transforma num dos bairros mais bem dispostos da cidade, com muitos bares e restaurantes.

Atravessando o Bairro Alto, chegamos a mais um ponto de observação da cidade, o miradouro de São Pedro de Alcântara. A poucos passos, vale a pena entrar na jesuíta Igreja de São Roque. Entre os dois, o Elevador da Glória faz a ligação com a parte baixa, a Avenida da Liberdade.

Havendo tempo, ainda podemos seguir a Rua da Escola Politécnica, onde nos cruzamos com o Jardim do Príncipe Real, o Museu de História Natural e o Jardim Botânico. A rua leva-nos ao Largo do Rato, seguindo para o pequeno e agradável Jardim das Amoreiras, onde está o Museu dedicado ao casal de artistas contemporâneos Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva.

Muito perto, fica a barroca Basílica da Estrela e o Jardim, construído em plena época do romantismo.

PARQUE DAS NAÇÕES

Vale a pena reservar uma tarde para conhecer o Parque das Nações, na zona oriental de Lisboa. É um espaço de arquitetura moderna, excelente para passear a pé ou de bicicleta, andar de skate e passar bons momentos de cultura e lazer.

Era uma antiga área industrial degradada que se estendia ao longo de cinco quilómetros junto ao Rio Tejo, mas foi completamente revitalizada para receber a Exposição Universal de Lisboa de 1998. Para o local, foram projetados edifícios e equipamentos de qualidade, que após o final do evento integraram o tecido urbano, criando assim a área mais moderna da cidade.

Começamos o itinerário na Estação do Oriente. Projetada pelo conceituado arquiteto espanhol Santiago Calatrava, a complexa estrutura de linhas verticais faz lembrar arcos góticos. Continuamos até ao Pavilhão de Portugal, projetado por Álvaro Siza Vieira em colaboração com Eduardo Souto de Moura, dois dos mais proeminentes arquitetos portugueses. A sua estrutura tem por base a ideia de uma folha de papel assente sobre dois tijolos, e passou do estirador para a realidade através de uma impressionante obra de betão pré esforçado sob a forma de pala.

Mesmo ao lado fica o Pavilhão Atlântico, um projeto de Regino Cruz. Se o seu aspeto exterior lembra uma nave espacial ou um animal marinho, no interior, a estrutura em madeira que sustenta a cobertura faz pensar numa nau quinhentista.

Outro espaço de visita obrigatória é o Oceanário de Lisboa, um dos maiores da Europa, projetado por Peter Chermayeff. Os vários ambientes marinhos do planeta são recriados com tanta precisão que quase parecem reais, e desenvolvem-se em volta do tanque central gigante onde convivem as mais diversas espécies.

Não muito longe, fica o Pavilhão do Conhecimento, projetado por Carrilho da Graça e vencedor do Grande Prémio do Júri FAD 1999 em Barcelona, e o Teatro Camões, de Manuel Salgado, atual sede da Companhia Nacional de Bailado e um bom local para assistir a um espetáculo ao final do dia.

No Parque das Nações, há muitos espaços ajardinados como a Alameda dos Oceanos, os Jardins d'Água, os Jardins Garcia d'Orta, com flora dos territórios descobertos pelos portugueses na grande epopeia marítima dos séculos XV e XVI, e o Passeio Ribeirinho. Um passeio de telecabine, com um quilómetro de extensão, é uma boa forma de ficar

com uma ideia de todo o espaço.

Este vasto recinto de arte urbana proporciona ainda o acesso a um centro comercial e a muitos bares, restaurantes e esplanadas, sempre em contacto estreito com o rio. Num dos extremos, a Marina é um tranquilo porto de abrigo no Estuário do Tejo, acolhendo pequenas embarcações e iates.

BELÉM

Se quisermos conhecer a Lisboa dos Descobrimentos, Belém é o local para saber mais de uma época histórica tão importante para Portugal.

Nos séculos XV e XVI Belém era um bairro popular, um agitado porto de onde saíam as naus e caravelas para as grandes viagens do Atlântico. Barcos, remos, velas e cordas faziam parte da agitação do dia-a-dia e numa pequena capela dedicada a Santa Maria, os navegadores pediam proteção divina, antes de partirem para destinos longínquos.

Hoje continua a ser um bairro importante, mas por outras razões. Vários monumentos, museus e uma grande área ajardinada que acompanha o rio, tornaram Belém um local muito agradável para passear.

É onde estão dois dos monumentos mais emblemáticos de Lisboa, o Mosteiro dos Jerónimos, no lugar da antiga capela de Santa Maria, e a Torre de Belém. São dois ex-libris da cidade, dignos representantes do estilo manuelino, classificados Património da Humanidade. Neles descobrimos o símbolo de quem os mandou construir, a esfera armilar do rei D. Manuel I, e os motivos marinhos, as cordas, as plantas e até os animais fantásticos. O Mosteiro foi construído com 5% do valor das especiarias trazidas do Oriente. A pimenta, a canela, a noz-moscada ou o cravinho são algumas das que fazem parte da gastronomia portuguesa.

O Mosteiro dos Jerónimos partilha as dependências, reconstruídas no séc. XIX, com o Museu Nacional de Arqueologia e com o Museu de Marinha. A sua coleção privilegia também os Descobrimentos, mostrando pequenas réplicas de naus e caravelas. Ao lado, o Planetário Calouste Gulbenkian, onde é sempre fascinante fazer uma viagem pelo espaço, para descobrir o céu do nosso planeta.

A modernidade do Centro Cultural de Belém contrasta com os outros monumentos da Praça do Império. Tem esplanadas, um programa de espetáculos bastante atrativo e o Museu Coleção Berardo, com obras de artistas contemporâneos de referência internacional.

À beira do rio, está o Padrão dos Descobrimentos, onde podemos subir para ver melhor a grande rosa-dos-ventos desenhada no empedrado do chão. O monumento é uma homenagem de 1940 aos grandes navegadores dos Descobrimentos, retratando homens como Fernão de Magalhães ou Vasco da Gama, liderados pelo Infante D. Henrique, o percursor da epopeia portuguesa.

Quando for altura de fazer uma pausa, o melhor é encaminharmo-nos para a Pastelaria dos famosos Pastéis de Belém, muito apreciados. A fila é grande, mas o serviço é rápido. Vai valer a pena, pois são de facto diferentes dos pastéis de nata que se encontram noutras pastelarias, mesmo que sejam igualmente bons. A receita guardada desde há várias gerações é o segredo do negócio.

Mas o bairro é também conhecido por um museu de visita obrigatória, o Museu Nacional dos Coches, com uma coleção única no mundo, da qual se destacam três monumentais coches do séc. XVIII utilizados na embaixada portuguesa ao papa Clemente XI.

A referir ainda outros pontos de interesse, como o Jardim Botânico Tropical e mais acima, o Museu Nacional de Etnologia, a Igreja da Memória e o Palácio Nacional da Ajuda.

A caminho de Belém ou de regresso ao centro da cidade, é imprescindível uma visita ao Museu Nacional de Arte Antiga, onde se guardam as grandes obras de arte de referência nacional, como os biombos Namban onde os portugueses foram retratados quando chegaram ao Japão ou as peças de cerâmica trazidas da Ásia. Mas para saber mais sobre esses povos com que os portugueses se cruzaram, é de ver o Museu do Oriente. Ambos têm belíssimas vistas sobre o rio.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Informações turísticas em www.visitlisboa.com.

Lisboa Card – cartão que possibilita o acesso a transportes públicos e dá descontos em monumentos e outros serviços para conhecer a cidade. Informações e postos de turismo em www.askmelisboa.com.

Informação turística sobre as igrejas na cidade de Lisboa, com propostas de visita e agenda de eventos e missas: www.quovadislisboa.pt

COMO CHEGAR

Lisboa tem uma boa rede de transportes públicos, de metro - www.metrolisboa.pt - e de autocarro - www.carris.pt.

Uma das atrações na cidade são os elétricos e os elevadores que ligam a Baixa aos bairros mais altos e a miradouros: Glória, Bica, Lavra e Santa Justa. O elétrico 28 atravessa a cidade, pelos bairros históricos e é referenciado nos guias turísticos do mundo inteiro. O elétrico 15 vai desde a Praça da Figueira até Belém, ao longo do rio Tejo. Informações em www.carris.pt.

A partir do Terreiro do Paço, faz-se a ligação por barco com o Barreiro – www.transtejo.pt.

No Cais do Sodré, os barcos fazem a travessia até Cacilhas, Seixal e Montijo - www.transtejo.pt. É também o início da linha de comboio que vai até Cascais – www.cp.pt.

Para atravessar o rio, existe ainda a possibilidade de o fazer de comboio pela Ponte 25 de Abril, com a empresa Fertagus (www.fertagus.pt) ou de autocarro www.tsuldotejo.pt.